

27/04/2018 - 05:00

Amazônia violentada

Por **Israel Klabin**

Pouco mais de 50% do território brasileiro é ocupado pela maior floresta tropical do planeta: a Amazônia.

Pouco mais de 25 milhões de pessoas lá habitam, sendo que a população urbana propriamente dita é de cerca de 60% entre os quais pelo menos 80% ocupa 4 ou 5 cidades.

Temos hoje "três Amazonas". Em números arredondados, 50% da Amazônia brasileira está protegida (ao menos no papel) por unidades de conservação e terras indígenas. Outros 20% da Amazônia já tiveram sua cobertura natural removida, para substituição por centros urbanos, agropecuária, ou simplesmente degradação e abandono. Restam outros 30% de território amazônico, cuja vocação e uso ainda não estão definidos. Ao que indica a melhor ciência climática, referenciada por seguidos relatórios do IPCC (Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas), se a opção de uso desses 30% significar avanço no desmatamento, a Amazônia tenderá a ingressar em um processo de savanização, tornando-se mais seca, e com isso afetando todo o regime de chuvas, não só local, mas também no resto do país e do mundo.

País dobraria produção de alimentos e fibras se usasse terras pouco produtivas ocupadas hoje pela pecuária

Ou seja, desmatar mais a Amazônia significa impacto sobre toda a agricultura que é feita no resto do país, que, em grande parte, teria seu regime de chuvas afetado.

O que parte dos brasileiros ainda não compreendeu é que, portanto, essa gigantesca riqueza que a Amazônia representa para o nosso país está interligada à sua missão global quanto à responsabilidade climática, ambiental e de preservação da biodiversidade. A invasão predatória e o uso indevido desse habitat fará o Brasil perder a maior riqueza que qualquer outro país do planeta possa ter.

A alevisia daqueles que acham que a exploração econômica dos bens materiais e imateriais lá contidos é de importância para o crescimento econômico brasileiro, lhes convém, pois atendem a interesses de prazo curto e provoca a malversação do imenso valor que pertence a todos os brasileiros e é de enorme importância para o planeta como tal.

A desculpa para essa ação destrutiva da Amazônia é uma mentira. Embala apenas interesses primários de grupos que personificam a irresponsabilidade dos que acham que a Terra lhes pertence e que o uso da mesma, sem condições éticas e morais, é um apanágio de seus apetites, sem nenhuma consideração para as consequências para o resto do país e para o planeta como tal.

O uso da Amazônia para o plantio de cana é a mais recente agenda daqueles com visão obtusa e de curta prazo. Implicaria mais desmatamento, pondo em risco o equilíbrio desse patrimônio nacional.

Estudo realizado ainda em 2008 por alguns dos principais especialistas da Embrapa, dava conta que o Brasil possui cerca de 66 milhões de hectares de áreas aptas a expansão do cultivo com cana-de-açúcar, todos eles fora da Amazônia e outros biomas sensíveis. De lá pra cá, ou seja, ao longo dos últimos dez anos, dos 66 milhões de hectares, nem mesmo um milhão de hectares foram plantados até hoje.

Pergunto, portanto, porque necessitamos invadir a Amazônia, quando temos áreas enormes disponíveis em todo o território nacional aptos a desenvolver a cultura canavieira com os benefícios adicionais de colonização e abertura de fronteiras econômica e socialmente importantes.

Além disso, cumpre notar que cerca de 170 milhões de hectares do nosso território é ocupado por pecuária. Desses, algo entre 50 e 60 milhões de hectares são de baixa produtividade, contendo menos do que uma cabeça de gado por hectare. Essa área improdutiva, na sua maioria, está sobre solos de fertilidade média a alta. Em outras palavras, se essa área hoje improdutiva se tornasse produtiva, quem sabe inclusive parte dela com a cana-de-açúcar, o Brasil praticamente dobraria a sua produção de alimentos, fibras e biocombustível.

E, portanto, a Amazônia, bem como o resto da nossa natureza em pé, não precisa ser tocada para a produção agrícola brasileira crescer ainda mais e, certamente, de uma forma mais sustentável. Esse padrão de agricultura sustentável é justamente o que hoje interessa a mercados internacionais e, cada vez mais, ao próprio mercado doméstico.

Tal proposta de abertura de áreas na Amazônia para plantio de cana-de-açúcar vai também na contramão de compromissos internacionais assumidos pelo Brasil, como zerar o desmatamento na Amazônia, reduzir a emissão de gases estufa, zerar a extinção de espécies por ação antrópica. Esses compromissos são a base para grandes linhas de financiamento em projetos de desenvolvimento sustentável, como o Fundo Amazônia (mais de US\$ 1 bilhão doados pela Noruega principalmente e também Alemanha), que precisa o quanto antes dar uma resposta em escala à sociedade, demonstrando que a Amazônia em pé é viável e indispensável para a sociedade brasileira e mundial.

Por outro lado, devemos pensar objetivamente no enorme potencial de retorno econômico-financeiro que a restauração do passivo ambiental das áreas ilegalmente desmatadas poderá vir a significar em termos de um gigantesco resultado econômico, bem como implicar um avanço enorme nos compromissos brasileiros referentes às nossas obrigações para com o problema comum que são as mudanças climáticas.

A Amazônia representa potencial de desenvolvimento pela sua enorme biodiversidade e a possibilidade de conciliar conservação com uso sustentável e geração de renda e oportunidades industriais e comerciais. Somente isso implicaria uma nova fronteira de desenvolvimento diferenciado, comprometido com a sustentabilidade, não apenas do bioma, mas, sobretudo, do Brasil e do mundo.

Israel Klabin é presidente da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS)